

A coleção Anjos de branco:
Literatura de encomenda - enfermagem

Rita de Cássia de Souza Silva
Maria Andréia de Paula Silva

Resumo

Neste trabalho de pesquisa busca-se apresentar à comunidade acadêmica parte da dissertação de mestrado, que examina a literatura de encomenda. Dentro deste contexto, investiga-se o nascimento de tal prática no campo da História da Literatura, partindo-se do pressuposto que esta se insere em uma polêmica relacionada ao valor da obra de encomenda. Anteriormente o valor e o significado de uma obra estavam relacionados à capacidade desta expressar ou não seu ponto de vista sobre a realidade, caracterizando-a em sua essência. Entende-se por literatura de encomenda uma escrita sugerida por outra pessoa, uma editora, um patrocinador, entre outros sem que o autor seja o aspirante idealizador da obra literária. Michel Foucault, no ensaio publicado em 1969, O que é o autor ponderou que a função autor não é desempenhada uniformemente em diversos tipos de trabalhos, há uma variabilidade de acordo com a recepção da obra literária. Desta forma a polêmica estabelecida em relação à obra de encomenda é consequência da função autor, definida por Michel Foucault, já que esta funciona em oposição ao mito de inspiração original. Portanto a obra não existe, senão pela ação criadora do artista que depende dos critérios estabelecidos pela sociedade, que impõem a sua posição. Antonio Candido, em seu livro **Literatura e Sociedade** (2006), relata como se deu o processo de ação do público sobre o artista que em uma sociedade aumentam e se fragmentam de acordo com a complexidade da estrutura social, e o artista molda seus trabalhos de acordo com as expectativas do público assim como às suas necessidades relacionadas aos interesses econômicos e a sua notoriedade frente a seu público. Assim o estudo sociológico da arte permite a compreensão da formação e o destino da obra que é em si a própria criação literária. A encomenda de coleções literárias não é uma prática nova na literatura brasileira. Na década de 1960 a editora Civilização Brasileira publicou um volume de contos a partir dos sete pecados capitais que foram confiados a sete escritores consagrados; no ano seguinte, a editora lançou novo volume inspirado nos dez mandamentos, a mesma prática voltou com entusiasmo na década de 1990, com repercussões positivas e outras nem tanto. Em 2001 o Conselho Federal de Enfermagem, como parte de uma campanha publicitária, encomendou a coleção anjos de branco com intuito de obter o reconhecimento da sociedade e também o de elevar a imagem do profissional de enfermagem. A encomenda foi dirigida ao acadêmico Antonio Olinto, coordenador da edição e autor do primeiro livro da coleção, sendo estendida a outros autores, como Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, José Louzeiro, Marcos Santarrita entre outros. Os romances deveriam focar os profissionais de enfermagem de maneira clara, a partir, principalmente, de personagens históricos. Justifica-se, portanto, este trabalho, enquanto instrumento de pesquisa no que se refere ao aprofundamento das motivações para o nascimento da Coleção anjos de branco, dos caminhos percorridos pelos

autores, e assim como se deu o processo de interação do autor com a obra e desta com o público. Pretende-se apresentar o histórico desta encomenda e descrever como se deu o processo de construção da Coleção anjos de branco.

Palavras chave: Coleção Anjos de branco; Literatura de encomenda; Enfermagem.

Cartas públicas nas Minas Gerais do século XIX: uma proposta de análise metodológica

Rodrigo Fialho Silva

Resumo

As cartas sempre foram um dos principais meios de comunicação, pelo menos até o século XIX. Eram responsáveis por registrar os acontecimentos no âmbito privado do remetente, suas angústias, alegrias, desilusões, círculo amoroso e de amizade. Serviam também para estabelecer acordos políticos e de Estado. São consideradas fontes de significativo valor histórico, na medida em que a análise das mesmas permite uma maior aproximação com os seus autores, em seus contextos e épocas distintas ou na mesma contemporaneidade. Do ponto de vista religioso, as cartas servem de base para a maioria dos estudos bíblicos. As correspondências, além de documentos também podem ser consideradas monumentos por conter descrições sobre a memória, pois guarda impressões subjetivas da realidade. Entendendo as cartas como fontes históricas, percebe-se que existem em seus conteúdos os traços para se pesquisar os mais variados assuntos, a partir de eixos temáticos como a História Política, Econômica, Religiosa e Cultural. Seus indícios permitem vislumbrar cenas, gestos e até mesmo vozes. Dessa forma, mesmo inseridas em campos distintos dos estudos acerca da História, um elemento lhe é peculiar, a cotidianidade. Encontram-se elementos do cotidiano e o mesmo é capaz de perpassar os conteúdos variados das correspondências e da mesma forma, as cartas também são capazes de forjar os elementos constituidores da cotidianidade do privado. Os estudos sobre os gêneros cartas se debruçam, em sua maioria, sobre as correspondências privadas e institucionais, que ajudam a compor o repertório documental das mais diferentes sociedades, ao longo do tempo. Porém, com o surgimento da imprensa, em especial a brasileira, no século XIX, uma prática se torna comum, o de escrever cartas para serem publicadas pelos jornais. As mesmas tinham uma característica peculiar, seus autores se identificavam por meio do uso de um pseudônimo. Entendemos esse recurso como um código para se estabelecer as relações sobre o cotidiano e, acima de tudo, políticas na arena pública. Dessa maneira, a presente comunicação tem por objetivo apresentar uma metodologia de análise dessas cartas públicas, a partir de um levantamento quantitativo para compor uma tabela de dados contendo: data, correspondente/pseudônimo, destinatário, assunto, lugar de origem, profissão, referência de leitura e citação de cartas para posteriores análises qualitativas sobre os aspectos do cotidiano. A metodologia aqui apresentada, surgiu da necessidade de analisar as cartas publicadas no *Astro de Minas*, periódico que circulou em São João Del Rei de 1827 até 1839, porém, correspondentes apenas ao ano de 1829, somando um total de oitenta e seis cartas, como estudo de caso. A partir do preenchimento da tabela de correspondências públicas - TCP, é possível vislumbrar a profissão de alguns remetentes, bem como o lugar de origem, algumas referências de leitura, como citações de filósofos e escritores em geral. Essa metodologia surgiu da necessidade em se conhecer e estudar o universo

discursivo das cartas públicas e anônimas veiculadas pela imprensa periódica no século XIX mineiro e é parte de minha pesquisa de Pós-doutorado junto ao Instituto de Ciências Humanas – ICH, do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, em andamento.

Palavras-chave: Cartas. Metodologia. Imprensa, Século XIX.

Duas meninas:
dois olhares sobre a família

Rita de Cássia Cruz Falcometa Akabane

Resumo

A proposta deste trabalho é um exercício de leitura comparativa. A mesma se dará sobre o conto **Menina**, datado dos anos 60, de Ivan Ângelo, retirado do livro **Os cem melhores contos brasileiros do século** (2009), e a contrapartida da análise é um recorte, da primeira parte da obra **Ciranda de pedra** escrita em 1954 por Lygia Fagundes Telles. Justifica-se a escolha das duas obras por se tratar de uma comparação sustentada na visão de duas meninas sobre seu meio ambiente familiar e social. No conto de Ivan Ângelo, a personagem é Ana Lúcia, uma criança de sete anos e, já no livro trata-se da menina Virgínia, ambas compartilham de situações que permitem uma aproximação, dado que vivem com as mães, seus pais são ausentes seja física ou psicologicamente e assim elas tem que conviver suas peculiaridades familiares, mas conservando as ilusões infantis. Areladas a essas personagens estão suas mães que, junto às suas filhas, são responsáveis pela construção de suas relações com o mundo a partir do enfoque das redes de socialização primária representadas pela família. De posse dessas indicações pode-se perguntar: O que é uma família? Este será um dos questionamentos que se tentará responder a partir de um capítulo da dissertação a ser apresentada ao Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, sob o título **O círculo das identidades: família e outridade no romance Ciranda de pedra, de Lygia Fagundes Telles**. Utilizando-se do ponto de vista histórico, passando tanto pelo momento da criação das obras quanto do momento atual, qual seja, de quebra de paradigmas jurídicos e sociais, buscar-se-á delimitar o que se pode e entender por família. Uma das principais ferramentas de análise será a perspectiva simbólica que ambas as narrativas nutrem, questionando os significados das palavras, na medida em que ambos os textos utilizam da linguagem e seus signos para dinamizar a narrativa. Ora em **Menina**, Ana Lúcia questiona sua mãe sobre o que significa ser uma pessoa desquitada e em **Ciranda de pedra**, Virgínia pergunta o que enxovalhar que dizer e qual a seria descrição de uma família. Em ambas as crianças há uma dualidade entre sentimentos infantis e uma perspicácia, porém aqui as meninas irão se distanciar. Enquanto Ana Lúcia questiona, é ao mesmo tempo resolvida e entendida, mas Virgínia se torna confusa e indecisa, sofre mais por não entender o ambiente a que é submetida. Por outro lado, sobre a palavra e sua utilização, existe um meio caminho entre a linguagem não é definitiva, é o que o sujeito do discurso diz ou pretende dizer, assim há figuras visíveis a serem anunciadas, mas também conveniências secretas. Nesse

passo, cumpre dizer que o leitor pode captar outro significado, mas que, porém nunca será definitivo ou mais ou menos correto. Assim, a dimensão simbólica compartilhada será essencial para a conexão intrínseca das obras literárias. Para dar conta das reflexões abordadas neste trabalho, os pensamentos dos seguintes autores são fundamentais: Michel Foucault e os conceitos encontrados em **As palavras e as coisas** e Maria Berenice Dias em **Manual de direito das famílias**.

Palavras-chave: Intertextualidade. Símbolos sociais. Direito. Ivan Ângelo. Lygia Fagundes Telles.

Literatura brasileira contemporânea e espaço virtual: um mapeamento

Rita de Cássia Florentino Barcellos

Resumo

Como a literatura é fruto do seu tempo, temos assistido à inserção das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na produção literária. Diversos romances, dentre outros gêneros literários, têm apresentado seus personagens fazendo uso de aparatos tecnológicos, principalmente, naquilo que se refere às diferentes formas de se comunicarem utilizando o espaço virtual como cenário. A comunicação via TDIC é hoje muito acentuada, uma vez que as mensagens veiculadas via computador ou celular são transmitidas com grande velocidade, contendo textos, imagens, *emoticons*, vídeos, áudios e tudo que possa ser digitalizado. Assim, uma comunicação, síncrona ou assíncrona, simula por meio da mensagem teclada os encontros face a face, transmitindo emoções e sentimentos. Sabemos que isso não é um privilégio do tempo presente; as cartas também emocionavam e continuam emocionando as pessoas. Mas o processo comunicativo via tecnologias digitais traz outros modos de enunciação e recepção. E a simultaneidade de trocas de mensagens torna as pessoas onipresentes. É importante analisar e compreender esses modos de enunciação da mensagem e os modos de recepção para então compreender também o espaço onde ele se estabelece. Segundo Vecchi (2015), o espaço, está intimamente conectado com outras relações, relações de força e de poder que estruturam e lhe conferem consistência, constituindo-o. No entanto o desenvolvimento tecnológico tem suscitado, nos mais diversos campos do conhecimento, análises que objetivam explicar as características da contemporaneidade no que tange à construção de novas subjetividades e identidades. Em contrapartida, é possível verificar, ainda, poucos estudos que circulam em um caminho oposto, buscando compreender como o ciberespaço interferiria na literatura, alterando e diluindo, por exemplo, a própria estrutura narrativa do texto. Para a realização desse mapeamento foram analisados romances em que os personagens utilizam do espaço virtual para construir suas relações. É possível observar uma nova topografia literária que surge, partindo do ciberespaço. Podemos pensar na internet como mais uma possibilidade de cenário para os escritores, expandindo assim as possibilidades dentro da estrutura narrativa, assim como um romance pode ambientar-se dentro de um quarto, por exemplo, os romances que foram mapeados neste estudo, acontecem no espaço virtual (ciberespaço). Situamos nossa abordagem de pesquisa na concepção de ciberespaço tal como é definida por Lèvy (1999) e na delimitação dos espaços literários conforme são estudados dentro do campo literário, sugerida por Wink (2015). O espaço narrado é criação que surge de um referente, tanto por parte do leitor quanto do escritor, não sendo portanto algo vago ou gratuito no texto literário. O primeiro momento da pesquisa teve como objetivo mapear e analisar os romances da literatura brasileira contemporânea em que os personagens se apropriam desses aparatos tecnológicos para construir suas relações no

espaço da narrativa que se realiza via espaço virtual. Para elaborar esse mapeamento foram analisados romances impressos escritos durante o período de janeiro de 1997 a dezembro de 2014, cujos autores se apropriam do uso das TDIC para narrar a trama textual de seus personagens e como esses utilizam das linguagens e recursos para construir suas subjetividades, identidades, que são estabelecidas pela comunicação virtual.

Palavras-chave: Mapeamento. Literatura brasileira contemporânea. Espaço virtual.

Mapeamento da produção literária por blogueiros e *youtubers*:
Perspectivas e diálogos para a literatura brasileira contemporânea

Jennifer da Silva Gramiani Celeste
Juliana Gervason Defilippo

Resumo

Objetiva-se, por meio desta pesquisa, averiguar como vem ocorrendo o evidente crescimento no que concerne ao lançamento de obras literárias cujas autorias se dão por produtores de conteúdo virtual, administradores de redes sociais diversas, em sua maioria blogueiros e *youtubers*. Para este feito, realizou-se substancial levantamento, restringindo a coleta às publicações ocorridas no período compreendido entre os meses de janeiro de 2008 a agosto de 2016, contando-se com o auxílio de *sites* de busca diversos. A fim de organizar os dados coletados, consideraram-se categorias várias como: usuários das redes sociais; obras; editoras; ano de publicação e redes sociais das quais surgira a possibilidade de lançamento de livros. Foram recolhidos, até o presente momento, 182 autores, classificados entre crianças, adolescentes e adultos que, por conseguinte, apresentam obras pertinentes ao público de faixas etárias semelhantes às suas, público este que, em sua grande maioria, é constituído por internautas seguidores dos canais de comunicação utilizados pelos referidos autores. Percebe-se que alguns autores, por usufruírem por mais tempo dos recursos disponibilizados pela Internet, possuem um contingente maior de obras publicadas quando comparado a outros. Dentro do período definido para a realização do mapeamento apresentado nesta pesquisa, é possível notar um aumento significativo nas publicações de interesse. Nos primeiros anos de lançamento de livros por usuários da Internet, verifica-se que suas origens se encontram basicamente vinculadas aos *blogs*. Aliás, no decorrer de muitos anos, os *blogs* foram tidos como um dos únicos veículos de comunicação e divulgação via Internet aos quais se tinha pleno acesso. Todavia, a hegemonia no que se refere ao uso deste recurso acabara sendo desmistificada, uma vez que o desenvolvimento de tecnologias e o conseqüente surgimento de novas alternativas quanto à expressão no ciberespaço proporcionou o acesso e a utilização a / de inusitadas plataformas como, por exemplo, canais do *YouTube*, páginas do *Facebook*, contas do *Instagram*, do *Tumblr*, do *Twitter* e do *Snapchat*, entre outras. Até o atual momento do mapeamento, levantou-se a existência de um total de 84 autores adolescentes, número que ultrapassa aquele que se refere às crianças e aos adultos escritores. Percebe-se, diante desta constatação, certa predominância quanto à escrita por adolescentes, fenômeno que nos leva a refletir acerca do processo de produção por estes indivíduos e o alcance dos produtos literários e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como autoajuda, crônica, manual, relato autobiográfico, romance ficcional e poesia. O mapeamento proporcionou a compreensão de que as produções literárias emergidas deste meio trazem à tona temáticas bastante convenientes à fase da adolescência, ditando estilos, preferências e tendências de consumo. Acredita-se que o estabelecimento das relações de alteridade e de forte

transferência entre autores e internautas seguidores / leitores se constroem a partir da produção literária e da materialidade destas relações, via livros impressos. Evidencia-se, com base na disseminação da prática de leitura por entre adolescentes, a relevância quanto à descoberta de palavras que demonstrem afetos, angústias e tensões que, ainda que singulares, inerentes a cada, constituem-se como sentimentos de caráter universal, compartilhados por seus pares.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Internet. Blogueiros, *Youtubers*. Contemporaneidade.

Memória como recurso para a construção da identidade mineira em **A Mais Bela Noiva de Vila Rica**

Elisete Ritti

Resumo

A obra "**A Mais Bela Noiva de Vila Rica**", de Josué Montello, apresenta uma história de amor vivida na cidade de Vila Rica, no tempo da Inconfidência Mineira. O contexto histórico do período do movimento libertário é, na obra, pulverizado pelo lirismo de forma a desencadear sentimentos de patriotismo e amor entre os personagens Maria Dorotéia e Tomás Antônio Gonzaga que formam o casal amoroso na trama. O ambiente da cidade mineira, misto de realidade e bucolismo, constitui o cenário propício para amor e paixão. O resgate da memória histórica, atrelada aos acontecimentos amorosos, sinaliza para uma abordagem crítica plural de uma narrativa polifônica em que a voz que conduz o relato e as vozes dos demais personagens, constituem o coral que em tom melodioso, envolve lembranças despertadas pelos acontecimentos do presente. O narrador da obra trabalha a realidade contida na história, ao mesmo tempo em que a ficção apresenta lembranças de ações individuais e coletivas. Em relação à memória individual, percebe-se na obra a ocorrência de fatos que se apresentam clandestinamente e de forma improvisada, de maneira que o personagem involuntariamente visita o passado. À medida que a narrativa progride e os fatos históricos cumprem a agenda de um povo que conheceu desmandos e traições cabe à personagem Maria Dorotéia extrair do passado os nutrientes que lhe darão forças para viver o presente. No romance as formas com que se apresentam as lembranças trazem uma invisibilidade que tem o alcance de fragmentar formas físicas e abstratas, o que, por sua vez, leva o leitor à transcendência e a enveredar pelas zonas oníricas da ficção memorialística. O enredo parece induzir o narrador de tal forma que a esperança de um final feliz para os enamorados contagia a voz narrativa e a forma de recepção textual do leitor. Busca-se neste estudo registrar a relevância do memorialismo na estrutura romanesca de **A Mais Bela Noiva de Vila Rica**, onde a história e a ficção entrelaçadas constituem elementos axiais de abordagem. Para tanto serão acionados como suporte teórico os estudos de Le Goff e os de Deleuze afim de analisar a atuação da memória coletiva e individual. No romance há uma articulação entre os personagens que se comunicam por meio de linguagem simples e de fácil receptividade por parte do leitor, ao mesmo tempo em que sensações vivenciadas dão abertura para análise da relação pessoa e personagem. Para tanto, recorrer-se-á aos estudos de Beth Brait sobre os personagens inseridos nessa dualidade, ou seja, na origem e no espaço que habitam na ficção. Papel fundamental para contextualizar a obra de Montello aos tempos de Gonzaga e Maria Dorotéia exerce o narrador de **A Mais Bela Noiva de Vila Rica** ao criar vínculo entre uma escrita atual e os relatos do passado histórico de Vila Rica. Para refletir sobre a atuação do foco narrativo no romance serão consultados os estudos de Antonio Candido e, no que se refere aos conceitos sociológicos que alteram as

estruturas romanescas na atualidade, buscar-se-ão as contribuições teóricas de Ligia Chiappini.

Palavras-chave: História. Memória. Identidade. Literatura. Ficção.

O altar das montanhas de Minas:
uma obra que se faz e que se conta

Luciana Genevan da Silva Dias Ferreira

Resumo

A arte, no século XX, refletiu criticamente sobre si mesma. Tal ponderação sobrepôs-se como método de estruturação do texto literário: arte que, ao arquitetar-se, expressa o processo de construção, sendo o texto resultado da criação artística e, concomitantemente, reflexão sobre os significados de arte e de literatura. **O altar das montanhas de Minas**, romance de Jaime Prado Gouvêa, publicado em 1991, exibe uma intriga circular que se dilata em torno de uma busca que, em princípio detetivesca, se revela como uma metáfora literária sobre o processo de construção ficcional, inserindo em si mesma um apontamento sobre a sua própria identidade narrativa. Objetiva-se analisar, neste trabalho, o estilo do autor que elabora um texto que se dobra sobre ele próprio de forma especular, explicitando o artifício literário por meio da revelação dos procedimentos de construção do discurso ficcional. Busca-se também observar a metaficção que expõe ao leitor multiplicidade de olhares na recepção textual. Em **O altar das montanhas de Minas**, faculta-se uma leitura que reconheça aspectos metaliterários tanto no tema quanto na estrutura da obra. Por um lado, quando se identifica uma das incidências de metalinguagem no fato de ser um romance que conta a história de um escritor que pretende escrever um romance, está se definindo que o código, a partir do qual se estabelece a relação de autorreferência, é o romance **O altar das montanhas de Minas** (linguagem-objeto). Por outro lado, quando o código é a literatura reportada na ficção como uma espécie de revisão da tradição literária, verifica-se que o código é, simultaneamente, comunicado e revelado. São a esses dois códigos que a obra de Gouvêa, ao longo de toda a narrativa, vai se referir de formas variadas, porém convergentes. Quando expõe seu processo de produção, tematizando-o, ou quando constrói no enredo chaves que se ligam ao próprio romance, **O altar das montanhas de Minas** se aproxima do que se pode chamar de metarromance. O romance do autor mineiro de Belo Horizonte é uma obra de um gênero literário que se volta para si mesmo, isto é, para a essência do gênero onde ele próprio se inscreve, adquirindo, assim um caráter autorreflexivo, abordando o próprio processo de escrita romanesca e a sua ficcionalidade. A metalinguagem, por isso, ocorre de forma marcante na obra de Gouvêa, uma vez que se observa sua incidência tanto no tema quando o código fala do próprio código, como na estrutura, quando o código é, simultaneamente, falado e demonstrado. A obra romanesca de Gouvêa se curva sobre si mesma, consentindo um entrelaçamento da crítica e da Literatura. O embasamento teórico pauta-se, principalmente, na proposta de Samira Chalhub (1986), em **A Metalinguagem**. A pesquisa desenvolvida em torno do objeto definido, o romance **O altar das montanhas de Minas**, de Gouvêa, é bibliográfica e exploratória com registro, análise, classificação e interpretação dos dados coletados. Percebeu-se que a metalinguagem ficcional foi uma ferramenta que o autor utilizou para colocar em evidência as

contradições de encenações: ficcionais *versus* históricas, locais *versus* universais, de um tempo presente *versus* um tempo pretérito, eu *versus* outro.

Palavras-chave: Metalinguagem. Romance. **O altar das montanhas de Minas.**

Processos transculturais na nova narrativa latino-americana

Oswaldo José Bueno Alves da Silva

Resumo

O quadro geral com o qual se pode identificar o continente latino-americano é o de riqueza e de diversidade de paisagens, contraste e complexidade de culturas e uma evolução histórica marcada pelos processos de Colonização geradores de profundas desigualdades políticas, étnicas e sociais. Os romances **Vidas Secas**, do escritor brasileiro, Graciliano Ramos, e **Os Rios Profundos**, obra do escritor peruano, José María Arguedas, contextualizam dramas tipicamente latino-americanos protagonizados por indivíduos ou comunidades vítimas das imposições culturais. Em ambos os romances verifica-se a construção de uma narrativa que se assenta sobre a tragédia do deslocamento forçado, ou do desterro de povos destituídos da herança cultural da ancestralidade. A Teoria da **Transculturação narrativa**, proposta pelo crítico e intelectual uruguaio, Ángel Rama, tem por objeto o estudo do novo romance latino-americano. Essa análise toma por base os três níveis do processo transculturador narrativo que possibilitam a percepção de trocas culturais. O primeiro nível, proposto por Rama, é o da Linguagem, que observa os recursos acionados pelo autor no tratamento de dialetos extraídos da oralidade em diálogo com a língua culta. O segundo nível, o da Estruturação narrativa, opera na desconstrução da linearidade do enredo, configurando a técnica de composição conhecida como **fragmentarismo da narração**, que ocorre, muitas vezes, por meio do **fluxo da consciência**, recurso estreado em romances de James Joyce e Virginia Woolf. Constitui esse nível uma oposição ao monólogo discursivo que teria origem tanto na literatura clássica quanto na narrativa popular. O terceiro nível, o da Cosmovisão, constitui-se no resgate da tradição oral que traz consigo os mitos extraídos das raízes culturais dos povos que, por longo tempo, tiveram sua voz e sua vez excluídos do contato com o mundo letrado. A análise comparatista entre as duas obras que constituem o *corpus* deste estudo tem como perspectiva a aproximação entre obras de dois escritores latino-americanos nas quais se verifica a interpenetração da realidade na ficção. Oriundos de duas comarcas intelectuais muito distantes entre si, do ponto de vista geográfico e étnico-cultural, Graciliano Ramos e José María Arguedas escreveram dois romances que se encontram bem próximos quando tratam, respectivamente, dos valores nas crenças tradicionais e empregam como recursos lingüísticos a aproximação entre o código escrito e o código oral. A aproximação se dá, também, pela tessitura narrativa que os referidos escritores empregam na ruptura com os cânones tradicionais. **Vidas Secas** e **Os Rios Profundos** são obras que compõem o acervo ficcional latino-americano por meio da matéria-prima extraída da vivência entre realidades heterogêneas. A evolução do tempo e os acontecimentos históricos trouxeram consigo dramas retratados por autores comprometidos com o seu estar no mundo. A análise de seus personagens e das tragédias por eles vivenciadas constitui fonte de renovação de um movimento literário que, tendo por ideal a valorização da diversidade étnico-cultural dos povos latino-americanos propõe

a unidade de *Nuestra América* como opção política para o enfrentamento das inúmeras dificuldades a serem superadas. Sob a ótica da Transculturação narrativa, a abordagem crítica de **Vidas Secas** leva à percepção dos três níveis estabelecidos como processos transculturais por Rama. Por sua vez, em **Os Rios Profundos** a interpenetrabilidade dos diferentes códigos de contato, as entidades míticas atuantes no universo ficcional e o estilhaçamento do enredo proporcionam a aproximação de obras que emergem como produto do material recolhido na realidade pelos respectivos autores e transformados em elementos idiossincráticos na ficção.

Palavras-chave: Transculturação narrativa. Ángel Rama. Análise comparatista. Tradição cultural.

**Subversão do tempo na trama ficcional de 'Antigamente, no porão',
romance de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira**

Francis Nogueira Schmitt Sampaio

Resumo

O enredamento do tempo na trama ficcional da obra **Antigamente, no porão**, romance da autoria de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, apresenta o signo porão como marca de um momento que guarda, além da ideia de passado, algo que é oculto, pulverizando toda a trama com o interdito que detém o poder de levar o leitor a idas e vindas pelas veredas do memorialismo individual e coletivo. A voz autoral se esvaece, cedendo lugar a um interlocutor que se faz confidente e, de certa forma, coautor. Considerando-se que o autor é um eu, um sujeito e não uma pessoa, a voz do romancista ausenta e subverte o tempo pessoal a favor do tempo ficcional. Considerando o tempo como nutriente da memória concebida na junção entre passado e presente, geradores do futuro, nos domínios da psicologia, da linguística, do pensamento selvagem, conjugam-se elementos desencadeadores da memória coletiva. Para o desenvolvimento de reflexões críticas sobre os momentos vividos pelos personagens, inseridos no contexto histórico, onde se entrelaçam realidade e ficção, este estudo busca como aporte teórico as contribuições de Le Goff. O tempo da trama ficcional de **Antigamente, no porão**, emerge do tempo real do pós-guerra, marcando o cataclisma provocado pela neurose que acomete o personagem símbolo do ex-combatente, Alamir, e da personagem, também símbolo, Babete, a filha do homem que, de herói de guerra, se transforma em resto de guerra. Ao ser apresentado ao leitor, num ambiente escuro da sala de casa, remete à literatura da Antiguidade clássica onde Tirésias, personagem de Sófocles, se faz cego e adquire o dom da premonição. Os estudos do mitólogo, Junito de Souza Brandão, constituem o embasamento teórico para a validação da força simbólica do episódio em que Tirésias, vítima da vingança de Hera, que o cegou, recebeu de Zeus, deus do Olimpo, o dom da premonição. Momentos epifânicos revelam caminhos ficcionais evocando signos proustianos quando a memória involuntária desperta nas personagens em cena, lembranças entre os escombros de um tempo catastrófico que deve ser esquecido. A falta de visão deixa o personagem lúcido, capaz de se encontrar, por meio da clarividência que, de forma oposta, o reconduz ao passado, no lugar do futuro. A personagem filha, por sua vez, também dividindo a falta de luz no ambiente em que está imerso Alamir, passa a ter a revelação de um pai que lhe inspira ternura. Mais uma vez, o momento epifânico se apresenta como restaurador da imagem do pai, ex-combatente da FEB. Sobre os momentos epifânicos, tornam-se pertinentes as considerações de Luiza Lobo que apresenta elementos de análise muito próprios ao universo narrativo da obra em estudo. Em **Antigamente, no porão**, personagens fazem-se indiciais de estados psíquicos que fluem das palavras de um narrador que apresenta conhecimento da experiência humana. As sensações, as lembranças, as concepções, as fantasias, as imaginações e os sentimentos são empregados por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira na descrição do personagem de forma realista e, ao mesmo tempo, ficcionalizada. Por meio do

fluxo da consciência a linearidade da narrativa é desconstruída, apresentando a técnica autoral moderna de introduzir a consciência humana na ficção. Durante toda a trama o presente sangra de passado e os estilhaços de uma guerra traz realidade à ficção.

Palavras- chave: Tempo. Memória. Signo. Epifania.

Das paredes da casa ao texto ficcional:

A elaboração da memória em Bartolomeu Campos de Queirós

Márcia Cristiane da Fonseca Paiva

Resumo

Neste trabalho de pesquisa busca-se apresentar à comunidade acadêmica parte da dissertação de mestrado que examina a obra de Bartolomeu Campos de Queirós. Dentro deste contexto, investiga-se, a obra **Ler, escrever e fazer conta de cabeça** (1996), a partir da premissa de que a produção literária do autor apresenta traços de experiências vividas, sobretudo no convívio familiar. Busca-se ressaltar o processo utilizado na elaboração das lembranças da primeira infância na escrita memorialística. Queirós era um escritor singular que escrevia para um público infanto-juvenil e recebeu os mais significativos prêmios no Brasil pelo seu trabalho literário. Sem abdicar da gramática da fantasia; Bartolomeu Campos de Queirós afirmava que toda memória é ficcional, aspecto reiterado na produção do autor. A memória pode ser entendida como uma recordação ou uma lembrança, pode representar também um armazenamento de informações, de fatos vividos ou ouvidos. Na literatura, a memória pode ser o elemento desencadeador do desejo de narrar, como em Marcel Proust ou, bem mais próxima, a escritora Raquel Jardim, em seu livro **Os anos 40**, obra em que a autora escreve suas memórias, revelando aspectos da cidade de Juiz de Fora e de pessoas com as quais conviveu na sua adolescência, tornando o legado pessoal uma herança social. No caso de ambos os autores, verifica-se que o fato pessoal revisitado pela memória dá origem à ficção. A fim de evidenciar o caráter autobiográfico e poético presente nas obras de Queirós serão consideradas as posições teóricas de Eliana Yunes, que destaca nas obras do autor o lugar central que a memória ocupa. Em Eneida Maria de Souza, busca-se a concepção de que o destino literário é marcado por injunções biográficas, pela escolha de precursores que garantam a entrada do escritor no cânone como resultado de experiências do escritor. São elas que conformam a denominada biografia intelectual. Esta seria, portanto, o resultado de experiências do escritor não só no âmbito familiar e pessoal, mas na condensação entre privado e público. As datas recebem tratamento alegórico e a história pessoal se converte em ficção pela intromissão do outro pela narrativa. Em Éclea Bosi, destacar-se-á sua pesquisa sobre a memória que, segundo ela, opera com grande liberdade ao escolher acontecimentos no espaço e no tempo e que só se torna relevante quando o cientista social consegue articular os vínculos afetivos entre eventos distanciados no tempo. Ancora-se, também, nas contribuições de Philippe Lejeune sobre a autobiografia, e nas relações de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. A autobiografia, para Lejeune, seria uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual. Lejeune usa quatro categorias para caracterizar a autobiografia, a saber: as formas de linguagem, o assunto tratado, a situação do autor e a posição do narrador. Finalmente procura em Pierre Bourdieu, para o qual o relato de vida tende a se aproximar do modelo oficial da apresentação de si, ou seja, da filosofia da identidade que o sustenta, a relativização da voz autoral que surge na escrita de si.

Palavras-Chave: Bartolomeu Campos de Queirós. Autobiografia. Memória